

Guerra, Petróleo e Energia: A Inflação de Rio Branco em Março de 2026

Projeto de Extensão: MONITORAMENTO DO IPCA 2026

Programa de Educação Tutorial
PET Economia

Acesse
Sistema de Monitoramento da Inflação - SMI

https://y2c0z2-rubicleis-gomes.shinyapps.io/IPCA_Rio_Branco/

Coordenador:
Dr. Rubicleis G. Silva

Período de Referência:
Março/2026

Data de Publicação:
11 de abril de 2026

Panorama Inflacionário Nacional

O IPCA em Março

O IPCA de março de 2026 fechou em **0,88%**, porém esse número esconde uma distribuição bastante distinta de pressões entre os grupos do IPCA. Como mostra a Tabela 1, dois grupos, *Transportes* e *Alimentação e Bebidas*, responderam, juntos, por **76,34%** da variação total do IPCA em março, ou seja: o que parece uma inflação moderada é, na prática, uma inflação concentrada em itens que afetam o dia a dia de forma bastante direta.

Transportes liderou a alta com variação de 1,64% e impacto de 0,34 pp sobre o índice geral (Tabela 1). A pressão tem causa identificada: o conflito armado entre EUA, Israel e Irã, deflagrado em 28 de fevereiro de 2026, elevou o preço internacional do petróleo e encareceu os combustíveis no Brasil com rapidez. O grupo responde por 20,45% da cesta; quando se move, o índice sente.

Antes do início da guerra, o barril de petróleo Brent era negociado em torno de US\$ 61 (Associação dos Engenheiros da Petrobras, 2026). Com os ataques, o preço chegou a US\$ 120 em cotações de curtíssimo prazo, recuando para a faixa de US\$ 90–99 após sinais de cessar-fogo temporário (Diário do Grande ABC, 2026).

O Estreito de Ormuz concentra o risco: por ali passam cerca de 20 milhões de barris diários, algo próximo a 20% do consumo mundial, e o Irã impôs restrições parciais à navegação (BM&C News, 2026). A AIE classificou a situação como de riscos “significativos e crescentes” para o mercado global (Agência Brasil, 2026). Ásia e Europa foram as primeiras a sentir o choque, mas os efeitos se espalharam.

No Brasil, o diesel é o ponto mais frágil: já acumulava defasagem antes dos ataques e os analistas passaram a alertar para risco de escassez caso os preços não fossem repassados (Gazeta do Povo, 2026).

Alimentação e Bebidas, subiu 1,56% em março. O grupo tem o maior peso estrutural da cesta, 21,31% e, sozinho, contribuiu com 38,00% da inflação do mês (Tabela 1). Isso indica que: famílias de menor renda comprometem parcela muito maior do orçamento com alimentação do

que as de renda mais alta, pois pressões persistentes nesse grupo corroem mais intensamente o poder de compra de quem já tem pouco espaço para absorver choques.

Na outra ponta, Educação praticamente não se moveu: apenas 0,02% de variação e participação relativa de 0,14% no índice geral. Isso era esperado, o efeito sazonal dos reajustes de mensalidades escolares se concentra em fevereiro e já estava dissipado em março. Comunicação também ficou contida (0,19%), reflexo de um setor com contratos de reajuste anual e mercado razoavelmente competitivo. Esses dois grupos, juntos com Habitação, funcionaram em março como âncoras que evitaram uma inflação ainda mais elevada.

Saúde e Cuidados Pessoais (0,42%) e Despesas Pessoais (0,65%) ficaram em posição intermediária, com participações relativas de 6,56% e 7,64%, respectivamente (Tabela 1). O peso combinado desses dois grupos supera 23% da cesta, o que os torna relevantes para a trajetória de médio prazo. Planos de saúde e serviços pessoais tendem a reajustes concentrados no segundo trimestre, e qualquer aceleração nesses itens pode complicar a leitura da inflação nos próximos meses.

Tabela 1: Decomposição do IPCA nacional por grupos em Março de 2026

Grupo	Var. (%)	Peso (%)	Impacto (pp)	(%)
Alimentação e Bebidas	1,56	21,31	0,33	38,00
Habitação	0,22	15,30	0,03	3,85
Artigos de Residência	0,51	3,48	0,02	2,03
Vestuário	0,46	4,65	0,02	2,45
Transportes	1,64	20,45	0,34	38,34
Saúde e Cuidados Pessoais	0,42	13,66	0,06	6,56
Despesas Pessoais	0,65	10,29	0,07	7,64
Educação	0,02	6,30	0,00	0,14
Comunicação	0,19	4,55	0,01	0,99
IPCA	—	100,00	0,87	100,00

Fonte: Calculado a partir do (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2026)

Nota: Variação refere-se à taxa mensal do grupo em março de 2026. Peso é a participação estrutural na cesta do IPCA. Impacto expressa a contribuição em pontos percentuais (pp) para o índice geral. Participação Relativa indica a fração da variação total explicada pelo grupo. Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor (SNIPC), março de 2026.

Conhecendo a Inflação de Rio Branco

Rio Branco Comparada

A inflação de março de 2026 não foi uniforme no território brasileiro. O índice variou de 0,37% em Rio Branco a 1,47% em Salvador, uma

diferença de 1,10 ponto percentual entre os extremos da Figura 1. Isso significa que, a depender de onde a família mora, a corrosão do poder de compra no mês foi quase quatro vezes maior.

As regiões Norte, Centro-Oeste e o Sul registraram as menores pressões. Rio Branco (0,37%) e Goiânia (0,40%) ficaram bem abaixo da média nacional de 0,87%, e Curitiba (0,70%) também ficou contida. São Paulo (0,78%) e Rio de Janeiro (0,78%) acompanharam esse padrão moderado, o que tem peso relevante para o índice geral, dado o tamanho econômico dessas regiões metropolitanas.

O Nordeste concentrou as maiores altas. Salvador (1,47%), São Luís (1,39%) e Belém (1,31%) lideraram o ranking regional, com variações bem acima do índice nacional. Recife (1,10%) também ficou no grupo das pressões elevadas.

O IPCA cheio de 0,87% é uma média que esconde realidades muito distintas. Para o Banco Central, o desafio é que uma taxa de juros única opera sobre economias regionais com velocidades inflacionárias diferentes. Regiões como o Norte e o Nordeste sofrem mais, pagam mais caro nos mercados locais e têm menos instrumentos para se defender de choques externos de energia e alimentos.

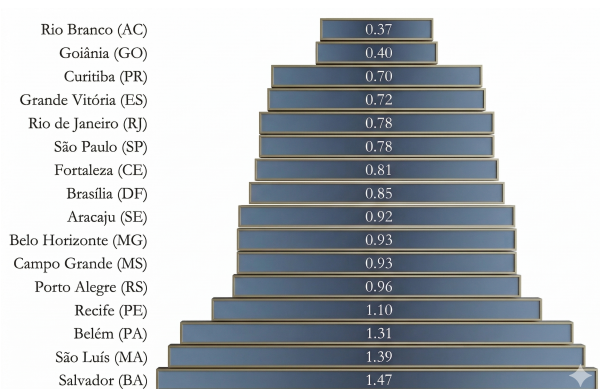


Figura 1: *IPCA de capitais e regiões metropolitanas brasileiras em março de 2026*

Fonte: Elaborado a partir de (Silva, 2026)

No acumulado de 2026 até março, Rio Branco mantém a liderança como a capital com menor inflação do país: 1,25%. A diferença para as demais capitais não é pequena. Goiânia vem logo atrás com 1,32%, seguida por Curitiba (1,44%) e Porto Alegre (1,54%). No outro extremo, Salvador acumula 2,39%, quase o dobro de Rio Branco. Fortaleza (2,28%), Belo Hori-

zonte (2,15%) e Recife (2,13%) também ficam bem acima da média. São Paulo e Belém aparecem com 2,04% e 2,11%, respectivamente. O que separa Rio Branco de Salvador é 1,14 ponto percentual em apenas três meses, uma distância que já corrói poder de compra de forma visível. A posição de Rio Branco no ranking não é acidental. Reflete uma combinação de fatores locais, como a queda da energia em março e pressões mais moderadas em alimentação que não se repetem nas demais regiões metropolitanas. Mas essa vantagem é volátil e pode se inverter rapidamente se os choques de combustíveis e alimentos persistirem nos próximos meses.

Os Grupos Inflacionários

Rio Branco registrou a menor inflação entre todas as capitais e regiões metropolitanas em março de 2026: apenas 0,37%, pouco mais de um terço do índice nacional de 0,88%. O que chama atenção, porém, não é só o valor final. É a composição! A Tabela 2 mostra que dois grupos puxaram o índice para baixo em termos absolutos, e isso não é comum.

Habitação teve impacto de -0,19 pp sobre o IPCA local. No agregado nacional, o mesmo grupo contribuiu com apenas +0,03 pp. A diferença de 0,22 pp entre os dois é, por si só, suficiente para explicar boa parte da distância entre Rio Branco e a média do país. Vestuário também ficou no campo negativo (-0,01 pp), ainda que com peso marginal.

Do lado das altas, Transportes foi o grupo de maior pressão em Rio Branco (0,24 pp), reproduzindo o padrão nacional, onde o grupo respondeu por 0,34 pp. A proporção é semelhante, o que indica que o choque do petróleo decorrente do conflito Irã-EUA-Israel chegou à capital acreana com força parecida com a do restante do país. Alimentação e Bebidas contribuiu com 0,14 pp localmente, ante 0,33 pp no nacional, uma diferença expressiva que ajuda a entender por que o índice da cidade ficou tão abaixo da média.

Saúde (0,08 pp) e Despesas Pessoais (0,06 pp) pressionaram na mesma direção que o nacional, sem grandes desvios. Educação zerou, e Comunicação contribuiu com 0,01 pp. **No geral, Rio Branco em março é um caso em que o alívio veio de onde menos se esperava: dos grupos ligados à moradia e**

ao consumo básico, que em outras praças seguiram pressionados.

Tabela 2: Impacto dos grupos sobre o IPCA de Rio Branco (AC) — Março de 2026

Grupo	Rio Branco (pp)	Nacional (pp)
1. Alimentação e Bebidas	0,14	0,33
2. Habitação	-0,19	0,03
3. Artigos de Residência	0,03	0,02
4. Vestuário	-0,01	0,02
5. Transportes	0,24	0,34
6. Saúde e Cuidados Pessoais	0,08	0,06
7. Despesas Pessoais	0,06	0,07
8. Educação	0,00	0,00
9. Comunicação	0,01	0,01
IPCA	0,37	0,88

Nota: Impacto em pontos percentuais (pp) de cada grupo sobre o índice geral. Valores negativos indicam contribuição deflacionária no período.

Fonte: (Silva, 2026) e (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2026).

Os mocinhos e vilões da Inflação

O feijão-cariquinha subiu 20,13% em Rio Branco em março de 2026, a maior variação entre todos os itens da Tabela 3. Cebola (14,49%), tomate (12,06%) e ovos de galinha (11,81%) completam um grupo de alimentos básicos que pressionou o orçamento das famílias de forma concentrada. Passagens aéreas (11,96%) aparecem no meio desse grupo, provavelmente como reflexo do choque do petróleo no custo do querosene de aviação. O padrão é claro: os itens que mais subiram são justamente os que menos podem ser trocados por alternativas mais baratas no dia a dia.

Do lado das quedas, os destaques são igualmente expressivos. Abacate recuou 14,29% e maçã 12,13%, seguidos por açaí (-10,97%) e limão (-9,41%). O óleo de soja também caiu 6,46%. No caso do açaí, a queda faz sentido dentro da sazonalidade amazônica: março coincide com o período de safra na região, quando a oferta aumenta e o preço cede. As frutas em geral tendem a seguir esse mesmo ritmo. Esses recuos ajudam a explicar por que o IPCA de Rio Branco ficou em apenas 0,37% no mês, bem abaixo dos 0,87% do índice nacional.

A leitura conjunta da tabela revela uma inflação local com duas faces. De um lado, proteínas vegetais e hortaliças em alta intensa, com o feijão acumulando uma variação que, em um único mês, corrói de forma visível o poder de

compra de quem depende desse alimento como base da dieta. De outro, frutas e insumos culinários em queda, sustentados pela sazonalidade e por ajustes pontuais de oferta.

Tabela 3: Bens e serviços com maiores variações percentuais em Rio Branco (AC), Março de 2026

Bem / Serviço	Variação (%)
Feijão-cariquinha	20,13
Cebola	14,49
Tomate	12,06
Passagens aéreas	11,96
Ovos de galinha	11,81
Óleo de soja	-6,46
Limão	-9,41
Açaí	-10,97
Maçã	-12,13
Abacate	-14,29

Nota: Seleção dos cinco itens de maior alta e dos cinco de maior queda no período. Variações negativas indicam deflação no item.

Fonte: (Silva, 2026) e (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2026).

As passagens aéreas foram o item de maior impacto positivo sobre o IPCA de Rio Branco em março de 2026, com 0,13 pp (Tabela 4). A gasolina aparece em segundo lugar, com 0,09 pp, resultado diretamente ligado ao choque do petróleo provocado pelo conflito Irã-EUA-Israel. Juntos, esses dois itens somaram 0,22 pp sobre um índice geral de apenas 0,37%, ou seja, mais da metade da inflação local veio de combustíveis e transporte aéreo. O contrafilé (0,05 pp), os ovos de galinha (0,04 pp) e o feijão-cariquinha (0,03 pp) completam o grupo das altas, com pressão concentrada em proteínas animais e no feijão, que já havia registrado a maior variação percentual do mês.

O lado deflacionário da tabela tem um item que se destaca com folga: a energia elétrica, com impacto de -0,20 pp. Esse único item compensou, sozinho, praticamente toda a pressão combinada dos cinco bens que mais subiram no período. É um caso raro e relevante. Tarifas de energia em queda num mês em que combustíveis subiram expressivamente sugerem defasagens de reajuste, sazonalidade tarifária ou algum mecanismo regulatório específico em vigor na capital acreana. Conserto de automóveis (-0,03 pp), maçã (-0,03 pp), frango inteiro (-0,03 pp) e camisa/camiseta masculina (-0,03 pp) contribuíram de forma modesta, mas na mesma direção.

A comparação entre as duas tabelas deste estudo é instrutiva. O feijão-cariquinha variou

20,13% no mês, mas seu impacto sobre o índice foi de apenas 0,03 pp. Isso ocorre porque o peso do item na cesta local é pequeno. Passagens aéreas, com variação próxima a 12%, geraram impacto de 0,13 pp, quatro vezes maior. Já a energia elétrica, que não apareceu entre os itens de maior variação percentual, foi o maior vetor deflacionário em termos de impacto. Esse desencontro entre variação e impacto é o que torna a análise por pontos percentuais mais útil para entender o que de fato moveu o índice, e não apenas o que oscilou mais na ponta.

Tabela 4: Bens e serviços com maiores impactos sobre o IPCA de Rio Branco (AC), Março de 2026

Bem / Serviço	Impacto (pp)
Passagens aéreas	0,13
Gasolina	0,09
Contrafilé	0,05
Ovos de galinha	0,04
Feijão-cariquinha	0,03
Conserto de automóveis	-0,03
Camisa/camiseta masculina	-0,03
Maçã	-0,03
Frango inteiro	-0,03
Energia elétrica	-0,20

Nota: Impacto em pontos percentuais (pp) sobre o IPCA local. Valores negativos indicam contribuição deflacionária no período.
Fonte: (Silva, 2026) e (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2026).

Indicadores Inflacionários

Os indicadores inflacionários complementares fornecem uma visão mais abrangente da dinâmica de preços, permitindo identificar tendências subjacentes e avaliar a persistência dos movimentos inflacionários.

O Índice de Difusão da Inflação - IDI

O Índice de Difusão da Inflação (IDI) de Rio Branco atingiu 63,50% em março de 2026, o segundo maior valor dos últimos 12 meses, ficando abaixo apenas de abril de 2025 (65,80%), conforme a Tabela 5. Isso significa que 63,5% dos itens da cesta local subiram de preço no mês, uma base de pressão inflacionária relativamente ampla para uma praça que registrou índice geral de apenas 0,37%. O contraste é relevante: a inflação de março em Rio Branco não foi baixa porque

poucos preços subiram, mas porque as quedas concentradas em poucos itens de alto peso, especialmente a energia elétrica, compensaram altas que se espalharam por boa parte da cesta.

Ao longo dos 12 meses observados, o IDI oscilou entre 47,20% em julho de 2025, quando menos da metade dos itens subiu de preço, e os 65,80% de abril de 2025. Março de 2026 encerra o período numa trajetória de alta: após recuar a 56,00% em fevereiro, o índice voltou a se aproximar dos patamares de janeiro (62,00%) e dezembro (61,20%), sugerindo que a base de pressão inflacionária local se ampliou no mês. Em termos práticos, um IDI acima de 60% por três meses consecutivos indica que a inflação em Rio Branco, embora baixa no agregado, está distribuída por um número crescente de categorias de consumo.

Tabela 5: Índice de Difusão da Inflação (IDI) em Rio Branco (AC), abril de 2025 a Março de 2026

Mês	IDI (%)
abr/25	65,80
mai/25	56,70
jun/25	53,50
jul/25	47,20
ago/25	61,60
set/25	58,10
out/25	60,00
nov/25	52,70
dez/25	61,20
jan/26	62,00
fev/26	56,00
mar/26	63,50

Nota: O IDI indica a proporção de itens da cesta com variação positiva no período. Valores acima de 50% indicam que mais da metade dos preços monitorados subiu no mês.
Fonte: (Silva, 2026) e (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2026).

Núcleos da Inflação

Em março de 2026, o IPCA geral de Rio Branco registrou 0,37%, mas os núcleos contam uma história diferente (Tabela 6). O IPCA-EX1, que retira alimentos no domicílio e combustíveis, ficou em apenas 0,14%. O EX2 e o EX3, com filtros mais amplos de itens voláteis, marcaram 0,26% e 0,34%.

Na prática, os três núcleos ficaram abaixo do índice cheio, o que indica que poucos itens com reajustes fortes puxaram o resultado agregado. A média aparada (IPCA-MA), negativa

em $-1,13\%$, reforça essa leitura: a maioria dos produtos da cesta teve variação muito baixa ou caiu de preço, e o IPCA geral acabou inflado por uma base estreita de itens.

A comparação com fevereiro ajuda a entender o movimento. O IPCA geral saltou de $0,07\%$ para $0,37\%$, mas o EX1 foi na direção oposta, caindo de $0,19\%$ para $0,14\%$ (Tabela 6). EX2 e EX3, por outro lado, subiram: de $0,12\%$ para $0,26\%$ e de $0,20\%$ para $0,34\%$, respectivamente. Isso sugere que a pressão de março não veio de combustíveis nem de alimentos no domicílio, já que o EX1 os exclui e mesmo assim desacelerou. A fonte parece ter sido outros componentes semivoláteis, capturados apenas pelos filtros do EX2 e do EX3. A média aparada, que já era $-0,98\%$ em fevereiro, caiu ainda mais para $-1,13\%$, confirmando que, nos dois meses, o grosso da cesta permaneceu bem comportado.

Janeiro de 2026 destoa dos meses seguintes. O IPCA geral bateu $0,81\%$, o EX1 chegou a $0,99\%$, o EX2 ficou em $0,49\%$ e o EX3, em $0,52\%$ (Tabela 6). A própria média aparada, embora negativa ($-0,15\%$), estava muito mais próxima de zero do que em fevereiro e março.

Tudo aponta para uma pressão inflacionária mais espalhada, provavelmente ligada a reajustes típicos de início de ano, como mensalidades escolares e recomposição de preços após o período de festas. A queda progressiva dos núcleos ao longo do trimestre mostra que essa pressão perdeu fôlego rapidamente, e março encerrou com um perfil de inflação pontual e concentrada.

Tabela 6: Núcleos de inflação de Rio Branco nos últimos 12 meses

Mês	EX1	EX2	EX3	Geral	MA
2026-03	0,14	0,26	0,34	0,37	$-1,13$
2026-02	0,19	0,12	0,20	0,07	$-0,98$
2026-01	0,99	0,49	0,52	0,81	$-0,15$
2025-12	0,88	0,64	0,78	0,59	$-0,61$
2025-11	0,17	$-0,31$	$-0,41$	0,15	$-1,00$
2025-10	0,19	0,89	0,93	0,10	$-1,40$
2025-09	$-0,08$	1,36	1,42	0,46	$-0,33$
2025-08	0,11	0,91	0,99	$-0,08$	$-1,64$
2025-07	0,14	0,09	0,11	$-0,15$	$-1,18$
2025-06	0,95	0,72	0,75	0,64	$-0,69$
2025-05	0,11	0,23	0,22	0,00	$-0,56$
2025-04	0,79	0,51	0,49	0,55	$-0,26$

Fonte: (Silva, 2026).

Conclusões

Rio Branco registrou a menor inflação do Brasil em março de 2026: $0,37\%$, contra $0,88\%$ da média nacional. À primeira vista, parece uma boa notícia. O problema é que esse número não conta a história completa.

A inflação ficou baixa por um motivo específico: a tarifa de energia elétrica caiu forte. O impacto foi de $-0,20$ pontos percentuais, suficiente para compensar sozinho as altas dos combustíveis e das passagens aéreas juntas. Sem essa queda na conta de luz, a inflação teria passado fácil de $0,50\%$. O que as famílias sentiram no supermercado e no posto foi bem diferente do que o índice geral sugere.

Transportes foi o vilão. Passagens aéreas contribuíram com $0,13$ pp, gasolina com $0,09$ pp. Juntos, esses dois itens explicam quase 60% da inflação do mês. A causa é conhecida: a guerra entre EUA, Israel e Irã, que começou em 28 de fevereiro. O barril de petróleo saltou de US\$ 61 para US\$ 120 em dias. Recuou depois para US\$ 90–99, mas o estrago nas bombas já estava feito.

O ponto crítico é o Estreito de Ormuz. Por ali passam 20 milhões de barris por dia, cerca de 20% do consumo mundial. O Irã bloqueou parte do tráfego, e o mercado reagiu com pânico. Ásia e Europa sentiram primeiro, mas ninguém ficou de fora. No Brasil, o diesel virou o problema mais urgente. Já estava defasado antes da guerra, e analistas começaram a falar em risco de escassez se os preços não fossem reajustados logo.

Alimentação subiu, mas menos que no resto do país. Contribuiu com $0,14$ pp em Rio Branco, contra $0,33$ pp no nacional. Feijão disparou $20,13\%$, cebola $14,49\%$, tomate $12,06\%$, ovos $11,81\%$. Quem gasta a maior parte da renda com comida sentiu o golpe. Do outro lado, frutas da safra amazônica caíram: açaí $-10,97\%$, maçã $-12,13\%$, abacate $-14,29\%$. A sazonalidade ajudou, mas não muda o fato de que itens básicos subiram rápido.

O Índice de Difusão bateu $63,50\%$. Isso significa que quase dois terços dos itens subiram no mês. O IPCA baixo não reflete preços bem comportados em geral, mas sim um alívio concentrado em energia elétrica que mascarou pressão espalhada pelo resto da cesta. Os núcleos confirmam: o IPCA-EX1 ficou em $0,14\%$, a média

aparada em $-1,13\%$. Ou seja, tira os extremos e sobra quase nada. Março foi uma inflação estreita na causa, mas larga na distribuição.

A guerra no Oriente Médio não acabou em março. O diesel continua defasado, e a Agência Internacional de Energia classificou os riscos como “significativos e crescentes”. Ásia e Europa foram atingidas primeiro, mas ninguém escapou. O governo federal montou um pacote de medidas para tentar segurar os estragos. Inclui gestão de estoques estratégicos de combustíveis, busca de novos fornecedores e monitoramento dos repasses

nas bombas. O objetivo é evitar desabastecimento e frear a alta de preços em transporte e alimentação, setores que já pressionam o orçamento das famílias.

Rio Branco teve um mês atípico. A queda da tarifa de energia seguiu a inflação em $0,37\%$, um número bem abaixo da média histórica da cidade. Mas a estrutura por trás continua frágil. Se a energia voltar a subir e o petróleo mantiver a volatilidade, a inflação pode acelerar rápido nos próximos meses. Março foi um alívio pontual, não uma virada de trajetória.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Alta do petróleo mobiliza potências do G7 em meio à guerra no Irã.** [S. l.: s. n.], mar. 2026. Acesso em: 10 abr. 2026. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2026-03/alta-do-petroleo-mobiliza-potencias-do-g7-em-meio-guerra-no-ira>.

ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS DA PETROBRAS. **A guerra dos EUA e Israel contra o Irã: preço do petróleo dispara e traz risco de recessão mundial.** [S. l.: s. n.], mar. 2026. Acesso em: 10 abr. 2026. Disponível em: <https://aepet.org.br/noticia/a-guerra-dos-eua-e-israel-contra-o-ira-preco-do-petroleo-dispara-e-traz-risco-de-recessao-mundial/>.

BM&C NEWS. **Guerra no Irã acende alerta para petróleo, inflação e política monetária.** [S. l.: s. n.], 2026. Acesso em: 10 abr. 2026. Disponível em: <https://bmcnews.com.br/programas-bmc/painel-bmc/guerra-no-ira-acende-alerta-para-petroleo-inflacao-e-politica-monetaria/>.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. **Petróleo fecha em alta com risco geopolítico, mas perde força com negociações Israel-Líbano.** [S. l.: s. n.], abr. 2026. Acesso em: 10 abr. 2026. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/4293942/petroleo-fecha-em-alta-com-risco-geopolitico-mas-perde-forca-com-negociacoes-israel-libano>.

GAZETA DO POVO. **Da escalada militar à inflação: o preço da guerra entre EUA e Irã no petróleo e na economia do Brasil.** [S. l.: s. n.], mar. 2026. Acesso em: 10 abr. 2026. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/guerra-ira-impacto-petroleo-dolar-economia-brasil/>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 7060 – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC).** [S. l.: s. n.], 2026. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SILVA, Rubicleis G. **Dashboard IPCA Rio Branco: Sistema Interativo de Monitoramento Inflacionário.** Rio Branco, 2026. Disponível em: https://y2c0z2-rubicleis-gomes.shinyapps.io/IPCA_Rio_Branco/.